

A crítica à inconsciência em *A gaia ciência*

Saulo Krieger¹

No âmbito da primeira das duas tematizações da consciência em *A gaia ciência*, a comunicação contemplará o desenvolvimento coincidente de dois movimentos críticos: um deles, o dos aforismos iniciais de *A gaia ciência*, nos quais ainda se está muito longe da relação com o conhecer que ali será proposta; o outro, um tratamento pontual, vem a ser concepção eminentemente crítica, mesmo negativa da consciência, que se terá no aforismo 11. No curso dos dez aforismos iniciais da obra, que justamente vão desaguar em sua primeira formulação da consciência, é possível reconhecer uma articulação interna: é de diferentes perspectivas que Nietzsche ali faz ver que, entre os homens de seu tempo, há um desequilíbrio a descompensar os motivos para desejar e a capacidade humana de fazê-lo. Os motivos encontram-se inflacionados, postos num “além” que perdeu crédito e sentido; a capacidade de desejar está a um só tempo desvirtuada e exaurida quanto à dependência de convencimentos postos externamente a ela. Se no viés positivo da obra, o filósofo vai propor uma conversão do ser “convencido a desejar” à aderência ao próprio desejo, tal viés ainda não aparece no movimento que conduz à tematização da consciência no aforismo 11. Da mesma forma, em que pese o aforismo se chamar “A consciência”, esta é ali apresentada como inconsciente, num sugestivo coincidir de negatividades que demanda ser trazido à luz.

Palavras-chave: consciência; inconsciência; instintos; espécie humana.

The Criticism of Unconsciousness in The Gay Science

Within the context of the first of two discussions on consciousness from *The gay science*, this article will analyze the coincident development of two critical movements: one of them, from

¹ Aluno de mestrado da Unifesp. Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1998).

the initial aphorisms of *The Gay Science*, in which the relationship to knowing that will be proposed there is still very far; the other, a specific point, is the eminently critical, even negative, conception of consciousness that will surface in aphorism 11. Along the ten initial aphorisms from the book, which will precisely culminate in Nietzsche's first formulation of the idea of consciousness, it is possible to recognize an internal articulation: it is from different perspectives that Nietzsche makes it clear that in the people of his time there was an imbalance which decompensates the reasons to desire and the human capacity to do so. The reasons are inflated, placed in a “beyond” that lost its credit and meaning; the capacity to desire is at one time perverted and depleted regarding its dependence on reasonings external to it. If in a positive side of the work the philosopher will propose that the being “convinced to desire” is converted to the adherence to its own desire, such side does not yet appear in the movement that leads to the characterization of consciousness in aphorism 11. In a similar fashion, as much as the aphorism is called “consciousness”, it is presented there as unconscious, in a suggestive coincidence of negativities that demands to be brought to light.

Keywords: consciousness; unconsciousness; instincts; human species.